

CASA

MAGAZINE

JULHO | 153ª EDIÇÃO

S H O P P I N G



MATTEO THUN
A LEVEZA DO DESIGN

QUADRINHOS
ARTE EM CADA HISTÓRIA

NAO TAMURA
SIM À NATUREZA

LIQUIDAÇÃO CASASHOPPING





MATTEO

RAZÃO E SENSIBILIDADE

Ousadia e cores fortes
no lounge do Hotel Terme
Merano, na Itália



THUN

PAULA ACOSTA

ARQUITETO E DESIGNER CONSAGRADO, MATTEO THUN FEZ UMA ESCOLHA RACIONAL PELA PUREZA DOS TRAÇOS E A REVERÊNCIA AO AMBIENTE, NÃO DEIXOU DE LADO A INTUIÇÃO, O REFINAMENTO E A QUALIDADE, QUE FAZEM DELE UM INOVADOR DE ESTILO ÚNICO. SEUS TRABALHOS ENVOLVEM DESDE BELAS AQUARELAS ATÉ O PROJETO DE UMA CAPELA PARA O PAPA FRANCISCO. SOBRE TUDO ISSO, ELE FALOU COM EXCLUSIVIDADE À MAGAZINE CASASHOPPING, DEIXANDO AS MARCAS DA SIMPLICIDADE E DA GRANDEZA DE NOBRE CAVALHEIRO DE OUTROS TEMPOS. JANE AUSTEN IRIA ADORÁ-LO.



Seu nome longo e aristocrático foi sintetizado em duas unidades. Matthäus Antonius Maria Graf von Thun und Hohenstein. Ou, simplesmente, Matteo Thun, um arquiteto e designer que valoriza a subtração, já que foi um dos precursores da filosofia do “menos é mais”. Nascido em Bolzano, cidade no nordeste da Itália, em 1952, é filho dos condes Otmar e Lene Thun – empresários de sucesso no ramo de objetos decorativos em cerâmica. Mesmo com ascendência nobre, buscou a simplicidade nos projetos, com a eliminação de traços supérfluos e deu alma tecnologicamente avançada, mas que não se sobrepõe ao ambiente natural.

Ele estudou na Academia de Salzburgo com o pintor Oskar Kokoschka e se formou em Arquitetura na Universidade de Florença, em 1975. Mudou-se, em 1978, para Milão, onde trabalhou com Ettore Sottsass, de cujo escritório se tornou sócio de 1980 a 1984. Em 1981, foi um dos fundadores do grupo Memphis, que movimentou o mundo do design naquela década. De 1983 a 2000,

foi professor da Academia de Artes Aplicadas de Viena. Paralelamente, em 1984, abriu seu próprio escritório e, de 1990 a 1993, exerceu ainda a função de diretor artístico para a marca Swatch.

Em 35 anos de profissão, colecionou prêmios, como o Compasso D’Oro, IF Design, o Simon Taylor Award for Lifetime Achievement e o Good Design, entre outros. Somente na hotelaria, foi premiado por projetos de interiores como o Side Hotel, em Hamburgo e o Radisson de Frankfurt, considerado o melhor daqueles inaugurados em 2005 pelo Worldwide Hospitality Awards. O trabalho com o aço valeu a Thun o Prix Acier Construction, pelo Hugo Boss Strategic Business Unit, na Suíça, em 2007. Ele integra o Interior Hall of Fame, em New York, e é membro da Royal Association of British Architects. Sua empresa, a Matteo Thun&Partners, opera em todo o mundo, em colaboração com os parceiros Luca Colombo, Herbert Rathmaier e Antonio Rodriguez.



Social Housing Treviso: a bela fachada em madeira otimiza o isolamento térmico e a economia de energia

“A minha busca pela renúncia é constante – uma subtração de sinais. A busca de uma nova fórmula, mais sutil, mais silenciosa”. Pensando na sua frase, é fácil renunciar, na sua profissão?

Não se trata de nenhuma renúncia específica, mas de uma exigência minha de renunciar a sinais desnecessários e encontrar a beleza através da redescoberta dos arquétipos. Deixe-me explicar melhor, pegando como exemplo a arquitetura: cada construção deve ser criada a serviço de uma função, de lógicas e da estética do lugar em que está inserida. A única maneira de não exceder à natureza é reduzir os sinais. Para encontrar o caminho certo para a redução dos sinais é suficiente observar o que o homem simples, instintivamente, criou no passado. Impulsionado por necessidades muito concretas de funcionalidade e limitado aos recursos econômicos e materiais disponíveis, ele automaticamente conseguiu criar o belo e o puro. Refiro-me, por exemplo, às casas Walser, em que construções em madeira e pedra, típicas da região alpina da Itália, Suíça, Áustria e Liechtenstein.

A madeira é força natural e um elemento importante na atratividade do seu trabalho. Quando esse material o conquistou definitivamente? Quando percebeu que ele teria um papel enfático na sua personalidade criativa?

Não há dúvida de que a madeira encontrou uma porta de acesso ao meu trabalho, principalmente, através das minhas primeiras arquiteturas. Após o período importante de Memphis e outras passagens interessantes na minha trajetória, eu comecei a trabalhar em casas pré-fabricadas, unifami-

liares, em madeira. Por exemplo, O Sole Mio, que, em 1990, que eu projetei para Griffner Haus. Ou Heidi's Haus para Rubner, em 1999. Sucessivamente, realizei Vigilius Mountain Resort, em cima a uma montanha, isolado do tráfego e perfeitamente inserido na paisagem como um grande tronco de árvore caído. E é provavelmente desde então que o meu nome esteve associado à utilização da madeira.

É visível, em vários projetos concebidos por seus escritórios, uma atenção às novas tecnologias. Você, no entanto, é uma pessoa que ainda lê jornais impressos, quase não assiste à TV, escreve cartas à mão aos clientes, só lê e-mails indispensáveis e parece que com o celular tem uma relação bastante restrita. Seria uma tentativa de preservar a sua natureza mais «analógica», para não ter a mente e criatividade chegadas pelo aspecto digital, pela tecnologia?

O que nos enriquece, intelectualmente, são as experiências vividas em primeira pessoa, inclusive aquelas que parecem menos importantes. Com o uso de ferramentas eletrônicas, eu estaria colocando um filtro entre o mundo real e eu mesmo, o que equalizaria as experiências e removeria a autenticidade. Outra razão para limitar o uso de instrumentos eletrônicos é, sem dúvida, o fato de que a memória analógica nos obriga a sintetizar e para filtrar o que é importante, para podermos lidar com a qualidade. Este ato de filtragem é um momento de interiorização, análise e reflexão. E, portanto, um outro momento de aprendizado e experiência. Com relação ao trabalho, tenho uma real necessidade de aplicar-me manualmente.



Essencialidade e elegância caracterizam a banheira Ofurò, um projeto de Matteo Thun e Antonio Rodríguez para a marca Rapsel



Living do Punta Skala
Hotel & Spa, em Petrcane,
na costa da Croácia

Começo cada projeto a partir de esboços e aquarelas que minha mão desenvolve em maneira quase autônoma, dando expressão às minhas visões mais intuitivas e autênticas. Eu não poderia imaginar um resultado semelhante com o uso de um instrumento eletrônico.

Você disse que se arrependeu de ter aceitado a proposta de lecionar na Universidade de Viena. Realmente nenhuma nostalgia do tempo de professor, que inclusive durou bastante, de 1983 a 2000?

Nenhuma nostalgia, realmente. Porque a vida é um contínuo ensinar e aprender, especialmente para nós que trabalhamos com a criatividade. Trabalhamos sempre em equipe, assim mentes jovens e frescas encontram a rica bagagem de conhecimento daqueles que exercem a profissão há tanto tempo.

Ettore Sottsass. Um encontro especial? Um mestre? Um amigo? Como vocês se conheceram e qual é a sua lembrança mais marcante dessa relação?

Ettore foi, antes de tudo, um grande mestre para mim, mas, certamente, também um amigo. Aproximei-me dele em um aeroporto nos Estados Unidos, onde eu o vi por acaso. Ele sugeriu que eu visitasse seu estúdio em Milão e foi o que fiz. Eu não poderia imaginar que assim nasceria o Grupo Memphis. É uma daquelas situações em que se diz: nada como estar no lugar certo na hora certa!

Em 1981, você foi um dos fundadores do grupo Memphis, que tentava romper com um design considerado “frio”, inspirado na escola Bauhaus, e que ainda hoje é considerado um dos agentes mais revolucionários da história do design italiano. Como você vê, hoje, o trabalho que desenvolveu naquele período?

Após trinta anos, voltei a reconsiderar com atenção o período do Memphis, e meus trabalhos de então, aos quais, de qualquer forma, continuei fortemente ligado em todos esses anos. Hoje, me atrai a livre experimentação daqueles tempos, coisa que eu estou tentando resgatar próprio no momento atual, com uma coleção que eu fiz para o Salone del Mobile, que aconteceu em abril.

E quais foram essas novidades?

A coleção Matteo Thun Atelier, um projeto pessoal, em que o meu design encontra artesãos italianos para criar objetos como vasos e luminárias, esculturas grandes e pequenas, em vidro e cerâmica. É uma nova abordagem para o artesanato artístico, na qual o objeto nasce de um diálogo entre a mão do artesão e a ideia do designer. Nesse caso específico, eu pude trabalhar com o grande mestre Zanetti, de Murano, e com Alessio Sarri que, já nos tempos do Memphis, realizava cerâmica para mim e com Bitossi, empresa que está celebrando o seu reconhecimento como empresa histórica.

De acordo com sua experiência e instinto, quais serão as próximas vias de desenvolvimento do design e da arquitetura respeitosos do ambiente?

Eu acho que é fundamental olhar para todo o ciclo de vida de nossos produtos e edifícios. A sustentabilidade não deve ser limitada ao momento da produção, levando em conta somente os processos, materiais e acabamentos. Deve olhar também o momento de uso e – é aqui que eu ainda vejo, um grande potencial de melhoramento – até aquele em que um objeto ou edifício vai cair em desuso. Se formos capazes de implementar projetos exclusivamente com materiais recicláveis ou descartáveis de uma forma ambientalmente sustentável, então teremos dado um grande passo adiante.

Escritórios em Milão e na China; projetos para clientes internacionais. Quem é e o que procura o cliente de Matteo Thun? Na sua opinião, nesta sociedade “globalizada” os gostos, talvez até mesmo os desejos, se tornaram um pouco estandardizados?

Trabalhando com empresas multinacionais, como a Zwilling, podemos testemunhar como, felizmente, ainda são necessárias soluções específicas para diferentes mercados. Para nós, designers, este é um ótimo e interessante desafio, porque temos que constantemente tentar encontrar um compromisso convincente entre o que são os nossos critérios, de um bom design, e quais são os requisitos funcionais e estéticos de um público-alvo bem preciso. Dizendo isso, eu já antecipei qual é o perfil dos nossos clientes: são empresas que, por um lado, querem se envolver em um novo desafio, através da abertura de um diálogo construtivo conosco. Ao mesmo tempo, buscam um aliado que tenha vontade de conhecer profundamente as suas capacidades produtivas e de

distribuição, bem como as suas necessidades e seu público-alvo. A partir daí, abre-se uma parceria baseada na troca de ideias. E, claro, quem me procura, também busca um certo olhar estilístico, sustentabilidade, simplicidade e assim por diante; coisas sobre as quais falamos anteriormente.

A imortalidade de uma obra, ou seja, a ideia de criar objetos ou projetos arquitetônicos que atravessem o tempo, é uma obsessão ou você é o tipo de pessoa que convive bem com a ideia de temporalidade?

Pessoalmente, eu posso conviver facilmente com a ideia de coisas efêmeras. Na verdade, eu dou mais importância a sabores e odores, às experiências visuais, auditivas, afetivas do que a bens materiais. Mas, no meu trabalho, como arquiteto e designer, eu tenho fortemente em consideração a questão da durabilidade estética e do desempenho das criações. Não é porque eu seja vaidoso, mas porque, caso contrário, o discurso sobre a sustentabilidade ambiental seria inútil.

Em seu site, há a seguinte descrição: “Matteo Thun & Partners é um brand para projetos arquitetônicos e de interiores”. Mas, afinal, quem é realmente Matteo Thun, o homem e o arquiteto? O que o apaixona e quais ainda são os seus sonhos?

Quando o assunto é trabalho, certamente eu me defino um arquiteto, mas essa é apenas uma das minhas facetas. Sou do signo de gêmeos e, portanto, sou uma pessoa de alma dupla, múltipla, o que torna a minha vida interessante, movimentada. No passado, eu fui um apaixonado por asa-delta, carros de corrida. Hoje estou mais calmo: eu amo estar em lugares bonitos, entre a natureza, para me inspirar e sonhar com aquela capela sem teto que eu gostaria de realizar, no topo de uma montanha, dedicando-a ao Papa Francisco. ☐



Vigilius Mountain Resort:
o projeto é vencedor de diversos prêmios como o Wallpaper Design Award 2004